

«Com quem»



A oração é, no parecer de Teresa, «um estar... com quem sabemos nos ama». A oração é a presença à Presença de Deus: «O Senhor está sempre na minha presença, com Ele a meu lado não vacilarei» (SI 15 (16), 8). Deus quer estar presente na vida do homem: «Quão de boa vontade (gana) está connosco». «Estando muitas vezes tratando». O verbo «estar», no gerúndio, indica uma presença continuada no tempo: «Muito, achava eu, fazia sua piedade e, na verdade, fazia-me muita misericórdia

consentindo-me diante de Si e trazendo-me à Sua presença, pois via que, se Ele tanto o não procurasse, eu não viria». Orar é «estar», aqui e agora, a «tratar de amizade» com Deus: «Estava-me ali com Ele o mais que me permitiam os meus pensamentos». Orar é uma questão de vontade, de «querer estar» com o Senhor, apesar das distrações e securas. Com estas palavras, ela ensina a permanecer na consciência actual de sermos e estarmos a ser amados pelo Senhor, especialmente na oração, na ciência de que o Deus orante nos está amando, para podermos estar amando o Deusorado, o Amado.

Apresenta-nos o carácter dinâmico da oração como uma busca interior do Bem-Amado. A palavra de Jesus – «Permanecei em Mim, que Eu permaneço em vós» - converte-se poeticamente em Teresa no «Alma, buscar-te-ás em Mim, e a Mim buscar-me-ás em ti». O evangelista João fala dos dois sentidos da interioridade cristã como presença pessoal recíproca do cristão em Cristo e de Cristo no cristão: «Permanecei em Mim» (Nós n'Ele); «Eu permaneço em vós» (Ele em nós). Teresa fala da interioridade orante, por um lado, como a nossa presença n'Ele - «Buscar-te-ás em Mim» - e, por outro, como a Sua presença em nós: «A Mim buscar-me-ás em ti».

«Se conhecesses o dom de Deus!» (Jo 4,10). A maravilha da oração revela-se precisamente aí, à beira dos poços aonde vimos buscar a nossa água: aí é que Cristo vem ao encontro de todo o ser humano; Ele antecipa-se a procurar-nos e é Ele que nos pede de beber. Jesus tem sede, e o seu pedido

vem das profundezas de Deus que nos deseja. A oração, quer o saibamos quer não, é o encontro da sede de Deus com a nossa. Deus tem sede de que nós tenhamos sede d'Ele».

A Oração, que é a «porta de entrada» no Castelo Interior da alma, anima o caminho interior para entrar em todas as moradas da alma. Deus está presente na alma como num «trono de grandíssimo preço», tal como outrora esteve presente no ventre sagrado de sua Mãe. Importa «mui muito», pois, saber com «quem» nos encontramos na oração, melhor dito, «quem nos procura e encontra», isto é, conhecer quem é a Pessoa que nos ama. A oração de Teresa está centrada, desde o princípio, em Jesus Cristo: «Sim, aproximai-vos pensando e entendendo, ao chegar, com quem ides falar ou com quem estais falando. Em mil vidas das nossas não acabaremos de entender como merece ser tratado este Senhor diante de quem tremem os anjos. Em tudo manda, tudo pode; Seu querer é operar. Pois razão será, filhas, que procuremos deleitar-nos nestas grandezas que tem o nosso Esposo e entendamos com quem estamos casadas e que vida havemos de ter. Oh! Valha-me Deus! Aqui, na terra, quando alguém se casa, primeiro quer saber com quem, quem é e o que tem; e nós, já desposadas, antes das bodas não pensaremos em nosso Esposo, que nos há-de levar para Sua casa? Pois se aqui não se impedem estes pensamentos às que estão desposadas com os homens, porque nos hão-de impedir que procuremos entender quem é este Homem, e quem é Seu Pai, e qual a terra para onde me vai levar e quais são os bens que me promete dar, qual a Sua condição, como melhor O poderei contentar, em que lhe darei prazer, estudar como hei-de tornar a minha condição conforme à Sua?» (CV 22,7).

Porque da identificação e do conhecimento do Deus da oração e do orante humano, deriva a verdade do encontro de amizade, em «todos os espaços» (Fund 5,16), nas várias «idades» da «vida espiritual», que escalam o «castelo», o paraíso do centro mais íntimo da alma, onde o Sol divino ilumina a inteligência do orante na fé que vê a Deus. Seja qual for a «morada» em que se encontre o orante, a oração deve «começar e continuar», sempre em amena «conversa familiar» com Jesus, o Mestre da oração. A «companhia» do Espírito Santo, o «mestre interior», é imprescindível logo no começo da oração, sem esquecer a de um «mestre de oração» (V 14,7) e a de um «grupo de

oração». O primeiro conselho que Teresa, na sua pedagogia da oração, nos dá é o de que nos ponhamos na presença de Cristo: «Procurai logo, filhas, pois estais sós, ter companhia. E que melhor que a do Mestre que ensinou a oração que ides rezar? Representai o mesmo Senhor junto de vós e olhai com que amor e humildade vos está ensinando; e crede-me, enquanto puderdes não estejais sem tão bom Amigo. Se vos acostumardes a trazê-lo junto de vós e Ele vê que o fazeis com amor e que andais procurando contentá-lo, não podereis, como dizem, afastá-lo de vós. Nunca vos faltará, ajudar-vos-á em todos os vossos trabalhos, tê-lo-eis em toda a parte; pensais que é pouco ter um tal amigo ao vosso lado?» (CV 26,1).

Nesta típica «oração de presença», acontecerão inevitavelmente modos de comunicação cada vez mais simplificados e, por isso mesmo, mais profundos: «Não vos peço agora para pensardes n'Ele, nem que formeis muitos conceitos nem que façais grandes e delicadas considerações com o vosso entendimento; não vos peço senão que olheis para Ele. Pois, quem vos impede de volver os olhos da alma – mesmo que seja por um instante, se mais não puderdes – a este Senhor? Pois podeis olhar para coisas muito feias, e não podereis olhar para a coisa mais formosa que se pode imaginar? E nunca, filhas, o vosso Esposo desvia de vós os olhos, e tem-vos sofrido mil coisas feias e abominações contra Ele, e tudo não tem bastado para que deixe de olhar para vós, e será muito que, desviados os olhos dessas coisas exteriores, olheis para Ele algumas vezes? Olhai que não está aguardando outra coisa, conforme disse à Esposa, senão que olhemos para Ele» (CV 26,3.6; 29,6; 31,3).

É a sabedoria da «troca de olhares» entre o Esposo e a Esposa, como se diz no Cântico dos Cânticos. A oração, enquanto relação entre dois amigos, é uma linguagem do coração expressa no silêncio do olhar amoroso. O Senhor está presente e olha-nos com amor. Orar é estar a ser olhado pelo amor do Senhor e a olhá-lo com amor.

«Olho para Ele e Ele para mim» (S. Cura d'Ars). Este recíproco olhar amoroso - «olhe que lhe olha» -, coração da contemplação teresiana, adquiriu-o ela na comunhão eucarística, momento orante por excelência. A experiência de Cristo no centro da alma e a visão da Santíssima Trindade com todo o seu realismo pessoal de comunicação com as Três pessoas, andam certamente

ligadas à vivência sacramental eucarística da Sagrada Humanidade do Senhor, insubstituível mesmo na mais alta contemplação: «É mui boa companhia o bom Jesus para não nos apartarmos dela» (6 M 7,13). Porque «é muito bom amigo Cristo» e «amigo de dar», Teresa procurava a presença viva de Jesus, na sua oração de recolhimento, de quietude e de contemplação. Não admira, pois, que mandasse pintar a Sua imagem em muitos lugares, uma vez que «queria ter sempre diante dos olhos a imagem e o retrato» do seu «Bem meu, Jesus Cristo Crucificado», «bom meio para se manter na presença de Deus» (CV 26,9).